

FORMAÇÃO HUMANA E ADOLESCÊNCIA: A ESPIRITUALIDADE COMO FATOR DE PROMOÇÃO DA RESILIÊNCIA

Aurino Lima Ferreira¹

Ana Lúcia Leal²

*A crise é representada, no ideograma chinês,
por um símbolo que traduz perigo e
oportunidade ao mesmo tempo.*

RESUMO: Este texto tem como finalidade estudar a importância da espiritualidade na promoção da resiliência em adolescentes que vivem em situação de risco. O pressuposto é o de que práticas educativas que valorizem a espiritualidade em seu currículo contribuem favoravelmente para o desenvolvimento da resiliência em adolescentes. A partir dos dados mencionados na tese de doutoramento de Ferreira (2006)³, problematizaremos uma experiência educativa desenvolvida em uma organização não-governamental que busca a reconstrução das formas de sociabilidade democrática na comunidade do Coque dentro de uma perspectiva de formação integral ou multidimensional do humano. Os resultados indicam que a incorporação do conhecimento espiritual nas práticas educacionais favorece a promoção da resiliência em adolescentes que vivem em situações de risco. A inclusão da espiritualidade como um fator na promoção da resiliência parece ser o de desafiar o futuro numa perspectiva positiva, de superação, considerando as adversidades como obstáculos que poderão favorecer o amadurecimento pessoal, através da ampliação da visão de mundo e do estabelecimento de novas formas de equilíbrio.

Palavras-chaves: *Espiritualidade, educação, resiliência, adolescência.*

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo imprevisível, onde as incertezas tornaram-se parte da rotina. Há anos a psicologia tem-se interrogado sobre o fato de que certas pessoas têm a capacidade de superar as piores situações, enquanto outras ficam aprisionadas na infelicidade e angústia que se abatem sobre elas. Contudo, nos últimos anos, têm-se buscado entender essa capacidade, especialmente para explicar a formação dos jovens e dos grupos sociais mais vulneráveis.

¹ Doutorando em Educação (UFPE), Mestre em Psicologia (UFPE), Especialista em Psicologia Transpessoal (Dharamsala, Índia). E-mail: aurinolima@gmail.com

² Psicóloga, Fonoaudióloga (UNICAP), Mestre em Ciências da Linguagem (UNICAP), Professora dos Cursos de Psicologia e de Fonoaudiologia da Faculdade Integrada do Recife – FIR, Professora convidada do Curso de Especialização em Patologias da Linguagem da Universidade Potiguar - RN. E-mail: analeal@mdimperial.nlink.com.br

³ Projeto desenvolvido no Centro de Educação da UFPE com o título “Do entre-deux de merleau-ponty à atenção/consciente do budismo e da abordagem transpessoal: a busca de uma pedagogia direcionada para a integralidade da formação” sob orientação do Dr. Policarpo Júnior.

A prática educativa em contextos de pobreza e marginalidade faz surgir a necessidade de reflexões teóricas sobre a capacidade que certas pessoas têm de sobreviver diante de situações adversas, diante do sofrimento, abandono, negligência e violência. Trata-se da chamada “resiliência” (ASSIS, PESCE & AVANCI, 2006). O conceito de resiliência permite perceber como, face às intensas mudanças vividas na contemporaneidade, cada pessoa assimila essas transformações. Mais especificamente, a resiliência refere-se ao desenvolvimento de uma força interna, através de pensamentos, palavras e ações, que facilitam a vivência dessas mudanças, superando as crises e estresses com o mínimo de comportamentos disfuncionais. Ela contribui para que certas pessoas resistam, lutem sem perder sua dignidade, sua capacidade de serem saudáveis.

Para Pazzola (2002), a ciência tem se mostrado incapaz de controlar as incertezas da sociedade moderna. Ao mesmo tempo, percebe-se um interesse crescente pela espiritualidade. Essa busca parece ser uma alternativa frente aos momentos de caos que essas mudanças impõem. Nessa perspectiva, a espiritualidade relaciona-se com o desenvolvimento de valores humanos e não necessariamente com a prática de rituais, como destaca Volcan et al. (2003:440-445):

Emoções e convicções de natureza não-material, com a suposição de que há mais no viver do que pode ser percebido ou plenamente compreendido, remete a questões como significado e o sentido da vida, não se limitando a qualquer tipo específico de crença ou prática religiosa.

O aspecto protetor da espiritualidade está expresso segundo Kaplan et al. (1994) na redução de comportamentos anti-sociais, como transgressão e uso de substâncias psicoativas, bem como alguns estudos indicam que mesmo a espiritualidade no seu caráter religioso formal é um importante promotor de resiliência na vida de jovens urbanos (COOK, 2000; SAMEROFF, 1993).

Consideramos, então, que a espiritualidade é um fator de promoção da resiliência (ASSIS, PESCE & AVANCI, 2006). Estudos atuais sobre resiliência apontam que a conscientização em torno de valores humanos básicos são fundamentais à melhoria da qualidade de vida dos sujeitos, sobretudo, em contextos marcados pela adversidade. Admite-se assim, que o objetivo da experiência formativa, mediada filosoficamente por uma visão integral ou multidimensional, confunde-se com o objetivo de todas as tradições espirituais: despertar as potencialidades do humano que habita em cada um de nós. Na primeira parte, discutiremos, mais diretamente, os conceitos e características da resiliência; em seguida destacaremos alguns elementos de risco e de promoção de resiliência para formação humana colhidos a partir da pesquisa realizada por Ferreira (2006).

Conceitos e características da resiliência

A palavra resiliência apresenta várias definições de acordo com a área em que se emprega o termo. O termo tem origem no latim *resilio* que significa retornar a um estado anterior (MONTEIRO, et al., 2001). A resiliência é um termo oriundo da física. Trata-se da capacidade dos materiais de resistirem aos choques, sendo a propriedade que possuem de voltar ao normal depois de submetidos à máxima tensão.

A Psicologia, por sua vez, ressalta a importância das relações familiares, sobretudo na infância, enquanto vetores fundamentais na formação dos indivíduos, gerando a capacidade deles suportarem crises, bem como superá-las. Nesse contexto, a resiliência representa a capacidade concreta das pessoas de não só retornarem ao estado natural de excelência, superando situações críticas, mas também de utilizá-las em seus processos de desenvolvimento pessoal, sem se deixarem afetar negativamente, capitalizando as forças negativas de forma construtiva.

Para Sampaio (2005), os resilientes buscam no autoconhecimento o equilíbrio necessário para aprender a transformar emoções negativas em positivas. O resiliente não se abate facilmente, não culpa os outros pelos seus fracassos e tem um humor invejável⁴. Porém, não são todos os seres humanos que conseguem ultrapassar estes momentos de crise. O próprio sofrimento físico e psicológico pode inibir e, de certa forma, alterar a resposta resiliente do sujeito. O ser resiliente não significa alguém que consegue resistir a todas as pressões do meio⁵, isto é, o indivíduo, por muito resiliente que seja, pode chegar a um ponto em que não tolere mais a pressão externa.

Recentemente, o conceito de resiliência foi assimilado pelo campo da Saúde Pública, ganhando uma conotação voltada para a promoção da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida. A noção de resiliência segue paralelamente ao movimento contemporâneo pela promoção da saúde da criança e do adolescente. Tal perspectiva modifica a forma de olhar a adolescência, jogando para o passado o determinismo das experiências infantis malsucedidas, iluminando novos caminhos de flexibilidade. Assim,

“a noção de resiliência vem complexificando-se sendo abordada como um processo dinâmico que envolve a interação entre processos sociais e

⁴ O trabalho voluntário constitui um ótimo aprendizado de resiliência na medida que se observam pessoas em situações piores que as suas e mesmo assim ainda são capazes de sorrir.

⁵ A própria física explica que a resistência de um dado material tem limites.

intrapésquicos de risco e proteção. O desenvolvimento do constructo enfatiza a interação entre eventos adversos da vida e fatores de proteção internos e externos ao indivíduo” (ASSIS, PESCE & AVANCI, 2006:19).

À medida que se potencializa a resiliência, reduz-se a vulnerabilidade e vice-versa. Alguns fatores agem como facilitadores da vulnerabilidade infante-juvenil, enquanto outros agem proativamente, funcionando como mecanismos de proteção (Ver Quadro 01). As redes sociais, por exemplo, são fundamentais para a promoção da resiliência. Elas podem ser definidas

“como a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anônima da sociedade. Essa rede corresponde ao nicho interpessoal da pessoa e contribui substancialmente para seu próprio reconhecimento como indivíduo e para sua auto-imagem” (SLUZKI, 1997:41-42).

Essa compreensão é importante, haja vista que não se pode ser resiliente sozinho. Um dos fatores mais necessários para o desenvolvimento da resiliência é o apoio e o acolhimento pelos membros de sua rede pessoal e social. Essas pessoas atuam como “tutores de resiliência” (CYRULNIK, 2004) ou “figuras de apego” (BOLWBY, 2002). A resiliência sintetiza, na verdade, o resultado de intervenções de apoio, de otimismo, de dedicação e amor que perpassam as relações intra e inter-humanas.

Quadro 1- Componentes de risco e resiliência (BLUM, 1997:17).

Fatores	Risco	Resiliência
Predisponentes	Estresse pré e perinatal; Expressão verbal pobre; Defeito ou deficiência física; Temperamento agressivo; Necessidade de controle externo; Baixo nível de inteligência; Dificuldade de aprendizagem; Mudanças puberais	Acreditar em algo maior do que em si mesmo; Bom traquejo social dirigido a outra pessoa; Autocontrole; Alto nível de inteligência; Autoconceito positivo; Alto nível de auto-estima
Familiares	Baixo nível de educação materna; Desarmonia familiar; Alto nível de estresse materno; Pobreza; Doença mental na família; Superpressão; Ausência de relação mãe-filho positiva; Ambiente familiar caótico; Família numerosa	“Conexão” com pelo menos um dos pais; Coesão familiar; Família estruturada; União entre os irmãos
Externos	Pequeno ou nenhum apoio externo Mais do que quatro eventos estressantes na vida	Cuidado por adulto além dos pais; Envolvimento com a escola e/ou Comunidade; Trabalho em grupo de amigos; Poucos eventos negativos na vida; Acreditar em algo fora de si Mesmo

Vários pesquisadores estão investindo na capacidade de se promover a resiliência, obtendo resultados satisfatórios (MONTEIRO, et al., 2001), sugerindo algumas estratégias centradas na pessoa, tais como:

- 1) Redirecionamento do impacto de risco.
- 2) Redirecionamento da reação, que se faria por uma trajetória negativa.
- 3) Desenvolvimento da auto-estima e do poder de ações positivas, por meio de relações pessoais, de novas experiências e de aprendizagem para suplantar desafios.
- 4) Criação de oportunidades que permitam ao indivíduo ter acesso a recursos.

A resiliência, portanto, é um fenômeno que pode ser promovido/aprendido. Costa (1995:12) enfatiza que a resiliência não é privilégio de alguns.

“O estudo sistemático da resiliência nas pessoas e nas organizações revelou que ela não é uma qualidade única e extraordinária, característica intransferível de um grupo especial de pessoas. Não. A resiliência é antes de tudo a resultante de qualidades comuns que a maioria das pessoas já possui, mas que precisam estar corretamente articuladas e suficientemente desenvolvidas”.

Vicente (1996) aponta a existência de três fatores que promovem a resiliência: o modelo do desafio, os vínculos afetivos e o sentido de propósito no futuro. As características centrais encontradas nas pessoas resilientes são: o reconhecimento da verdadeira dimensão do problema; o reconhecimento das possibilidades de enfrentamento, e o estabelecimento de metas para sua resolução. Sobre os vínculos afetivos, ele afirma que: “A aceitação incondicional do indivíduo enquanto pessoa, principalmente pela família, assim como a presença de redes sociais de apoio, permitem o desenvolvimento de condutas resilientes” (idem, p. 9). Em relação ao sentimento de propósito no futuro, Vicente identificou que além do sentimento de autonomia e confiança, encontram-se características, como: expectativas saudáveis, direcionamento de objetivos, construção de metas para alcançar tais objetivos, motivação para os sucessos e fé em um futuro melhor.

Dessa ótica, desenvolver a resiliência, consiste em conhecer a história do indivíduo, procurar analisá-lo em seu contexto, para então intervir de maneira apropriada, buscando as razões capazes de motivá-lo e fortificá-lo. O aprendizado da resiliência, mais que pelo discurso das palavras, ocorre pelas práticas e vivências, pelo curso dos acontecimentos que as pessoas incorporam a capacidade de resistir à adversidade e utilizá-la para o seu crescimento pessoal, social e profissional. Para Azevedo (2000), a resiliência funda-se numa interação entre a pessoa, enquanto ser humano e o seu eu, enquanto produto de desenvolvimento, situada num contexto ambiental que ela influencia e que por ela é também influenciada. Assim, se entendermos a resiliência como uma capacidade universal, para que esta se

desenvolva, é necessário utilizar os próprios recursos e trabalhá-los em estrita ligação com o seu meio social e cultural.

Adolescência em risco e uma experiência de formação humana que inclui a espiritualidade como fator de resiliência

Discutiremos a seguir alguns resultados mencionados no trabalho de Ferreira (2006) com adolescentes em situações de risco em uma organização social na comunidade do Coque. O Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis - Neimfa, foi criado a partir da parceria entre moradores da comunidade do Coque e um grupo de jovens espíritas em 26 de setembro de 1986. Assim, a questão da superação da violência e promoção de uma cultura de paz é o eixo articulador das propostas de intervenção.

As ações visam estimular atividades de base comunitária capazes de apontar para a construção de novos projetos de vida e de futuro junto ao público alvo. Na perspectiva dos gestores do NEIMFA, o principal motivo da capacidade de atração dos adolescentes e jovens para os programas educativos da instituição, é precisamente a definição de seu projeto formativo, expresso da seguinte forma: “*Educação e Cidadania com espiritualidade*”. A noção de espiritualidade está intimamente associada à dimensão da solidariedade e visa introduzir uma forma de experienciar a liberdade que consiste na manutenção contínua do laço social.

Neste contexto, ela vem buscando ampliar esta rede de solidariedade ao desenvolver uma formação sócio-educacional baseada em um sistema pedagógico alternativo, ancorado em um modelo de integralidade que favorece o diálogo entre as tradições espirituais multiculturais (em especial o Budismo), as abordagens transpessoais e mais recentemente a fenomenologia.

Durante três anos, Ferreira acompanhou os trabalhos desenvolvidos com 14 (quatorze) adolescentes no curso de formação de “Educadores Holísticos” oferecido pelo NEIMFA, procurando monitorar os possíveis fatores de risco e de promoção da resiliência no processo de formação humana. A seguir apresentaremos inicialmente alguns fatores de riscos⁶ encontrados no processo de formação humana, depois destacaremos alguns elementos de

⁶ Os fatores de riscos e resiliência, aqui apresentados, foram mapeados no início do curso através dos diários produzidos pelos alunos a pedido do pesquisador, de entrevistas com alunos e pais, aplicação de questionários e observação dos alunos em grupo.

promoção da resiliência, em especial, o uso das estratégias para integrar mente/corpo e resgatar o sentido do espiritual como integralidade.

O primeiro fator de risco diz respeito à existência de conflitos com a figura paterna. Doze, dos quatorze participantes da pesquisa, consideraram ruim o seu relacionamento com o pai, sendo que apenas dois consideraram seu relacionamento regular. Nenhum dos alunos falou positivamente da figura paterna, tendo chegado, em alguns encontros, a haver verbalizações de extrema destrutividade em relação à figura do pai.

Por mim eu matava, tocava fogo e depois jogava o resto no mar. Não gosto dele, nunca gostei. Minha mãe diz que ele é meu pai, mas não considero. Saber fazer, soube. As vezes vai lá em casa, não mora mais com minha mãe, e vai dando um de valente, que butar ordem, butar moral... Ele veio dá um tapa na minha cara, minha mãe se meteu, se tivesse dado ele ia vê... Pedi uma arma ao pessoal da esquina só esperando ele dá-lhe, tava doida que ele desse, não dormi de noite só esperando, ele ia logo, logo pra debaixo do chão. (Diário de participante, Gudimylla⁷, 13 anos).

O apoio emocional, outro aspecto destacado na pesquisa, foi acompanhado através dos seguintes itens: apoio recebido através da confiança, da disponibilidade em ouvir, compartilhar preocupações/medos e compreender seus problemas. Os adolescentes foram indagados sobre em que nível os pais manifestavam este tipo apoio para com eles. As opções de respostas variavam do nunca até às vezes, não tendo aparecido nenhum adolescente que falasse de sempre ter recebido apoio emocional. A maioria dos adolescentes se considera recebendo pouco ou fraco apoio emocional, sendo a disponibilidade para ser ouvido e o não confiar em compartilhar suas preocupações, os pontos mais destacados.

Para as mães e responsáveis, o apoio emocional é realizado através da informação, como “dar bons conselhos”, “falar para não se envolverem com a marginalidade”. Não foram considerados os aspectos mais subjetivos presentes, por exemplo, na disponibilidade para ouvir, confiar e compreender problemas.

Os quatorze adolescentes referem-se à ausência de contato afetivo com a figura paterna, havendo uma queixa generalizada da falta de “ser abraçado” pelo pai, principalmente no que se refere aos garotos. Para os pais, o contato físico é visto, segundo os garotos, como algo que “*amulece o caráter, deixa o cabra mole, maricas, para crescer homem quanto menos frescura {abraço, beijo} melhor*” (Fala dos alunos, anotada no Diário do pesquisador). Ao que tudo indica, o contato físico entre os homens é visto como algo que afetará a

⁷ Todos os nomes dos participantes citados nesta seção são fictícios.

orientação sexual no caso dos meninos e no caso das meninas poderá produzir desejos incestuosos.

Nove, dos quatorze adolescentes, relatam um alto nível de violência psicológica, sendo os genitores apontados como os responsáveis pela maioria das humilhações, desencorajamento e críticas em excesso. Apenas um deles coloca o pai como apresentando interesse em suas vidas. Nenhum dos adolescentes apresentou ausência de violência psicológica.

Um dos primeiros fatores de resiliência encontrado e estimulado nos alunos do curso foi o autoconhecimento promovido por um processo de reflexão incorporada⁸. Sobre esta experiência os alunos assim se expressam:

Ajuda você a refletir sobre suas ações, sobre os saberes que você adquire, sobre os ensinamentos(Joaquim).

Ajuda a pensar muito mais completo, mais global. Ela me faz refletir, me faz pensar as conseqüências tudinho, que vão ter minhas ações, ela esclarece, portanto onde minhas ações vão afetar, de que forma vão afetar e afetando do o que vai acontecer, ela me faz pensar sobre as minhas ações, sobre como eu devo ser, quem sou eu, acho que ela tira as vendas que está nos meus olhos e que está nos impedindo de enxergar a realidade. ...Nos possibilita ir no nosso interior, assim a gente poderia ficar mais calmo, ficar atento, ela nos possibilita uma harmonia (Caio).

Um outro fator de resiliência que emergiu nos participantes foi a descoberta de um senso de identidade mais flexível, refletindo na melhora da auto-estima e na relação com os outros.

Me ajudou na medida em que me fez poder refletir sobre como eu sou, o que eu sou, e como eu poderia flexibilizar minhas tendências negativas, como é que eu poderia melhorar quanto a isso (Joaquim).

Porque antes quando eu estava num canto assim retraída, eu pensava que eu fazia por que eu estava triste, sem pensar que eu fazia isso para chamar a atenção, depois que eu comecei a ter contato com ela eu percebi que ela ajuda bastante mesmo você a ter um auto-conhecimento, você sabe quem você é e começa a gostar mais de você mesma. (Monalisa)

Agente vai observar mais a si mesmo. Você vai observar os pensamentos, as emoções, as energias, ai você vê que isso não é uma fuga, isso é na verdade um encontro. Ir de encontro aos outros, não entrar em confronto, em conflitos, ir de encontro sem entrar em choque. Ajuda a olhar para si e resolver os problemas de outro modo. para me observar mesmo, como eu estou, as minhas emoções meus pensamentos, eu tento encontrar soluções mais possíveis de resolver problemas quando estou com problemas e sento

⁸ Uso de estratégias que promovem a superação das dualidades (VARELA, THOMPSON, & ROSCH, 1991).

para meditar para arrumar soluções que não me prejudique e não prejudique as outras pessoas. (Aristófanés)

Por fim, um dos fatores que se destacou com maior intensidade foi a percepção da inseparabilidade entre mente e corpo e a tentativa de pensar o ser de forma integral a partir da introdução de uma perspectiva de formação humana, a partir da espiritualidade.

Uma forma de você abrir o coração e não pensar só com a mente, ter a capacidade de pensar e refletir também com as emoções, com coração. (Joaquim Neto)

Não vai limitar apenas nessa junção de reflexão e emoção, coisa de juntar mente e corpo, mas como vamos agir diante de nossa vida. (Nasio)

O impacto da presença da espiritualidade como fator de promoção da resiliência nas estratégias formativas do curso de “Educadores Holísticos” do NEIMFA pode ser apreendido do excerto da entrevista entre o pesquisador e um dos alunos:

R - Faz com nos harmonize nossa mente com o corpo, dá mais vitalidade ao que nós vamos fazer, acho que dá mais sentido a nossa vida e aos afazeres das coisas. A maneira como nosso pensamento está com o nosso corpo, seria uma forma de nós nos sentirmos por inteiros.

P – E o que isso ajuda na vida?

R – Na nossa relação com o mundo.

P – Como assim?

R – Que com a nossa mente com harmonia com o corpo vai nos possibilitar a paz interior e quando nós conseguimos isso acho que há o que sai de nós, é como se nós fossemos uma luz atingindo os outros, e mostrando o caminho para o outro, o caminho da felicidade. Seria assim.

P – Quando você estuda na escola você sente isso?

R – Às vezes quando eu estou em paz, sim. Eu consigo estudar, consigo, inclusive ajudar os outros, aos colegas que ficam próximo quando não entendem eu ajudo, mas quando eu estressado, impaciente, quando meu corpo não está em harmonia com a mente, e além de não conseguir ajudar o outro eu muitas vezes não aprendo.

P – A escola favorece essa união da mente e corpo?

R – Não.

P – Por que não?

R – Porque eles não se preocupam como o aluno está psicologicamente. Eles só querem que nós aprendamos o assunto que eles estão dando. Eles não se importam como nós estamos nos sentindo, não pede nossa opinião, eles não se preocupam com a alma do ser humano. Eles fornecem pessoas que tenham o conhecimento, mas eles não ensinam a usar esses conhecimentos. (Caio)

Os fatores de resiliência, acima encontrados, estão em ressonância com as descobertas de Vicente (1996), anteriormente destacadas.

Considerações Finais: A Espiritualidade e a Busca da Resiliência

Para Pazzola (2002), na busca pelo desenvolvimento da capacidade de adaptação, o indivíduo passa pelo autoconhecimento, pela descoberta do senso de identidade, de sua espiritualidade. Essa visão de espírito humano em conexão com o cosmos, com a natureza, ratifica a mudança em relação ao pensamento científico do século XX, quando saiu do enfoque analítico, que buscava o entendimento das coisas através de seu isolamento, passando ao pensamento sistêmico, que é contextual.

Nesse cenário, o objetivo principal da espiritualidade é a melhoria dos pensamentos, palavras e ações, afetando o comportamento dos indivíduos, que passam a ter uma noção mais clara de sua identidade, e dos valores que necessitam desenvolver para a busca de uma vida melhor. Essa transformação parte do íntimo de cada um, que busca um contato maior com os seus sentimentos, posicionando-se diante das situações da vida, de seus relacionamentos.

“Essa auto-observação dá o entendimento de como o indivíduo está se relacionando com o seu meio, e a adequação dessa relação com o que vem ocorrendo dentro de si, através da busca pela melhoria de seus pensamentos e atitudes, em resposta efetiva e coerente aos estímulos externos, com o cuidado em não partir para o extremo, causando a perda da naturalidade, sempre levando em consideração os seus sentimentos e não apenas a sua razão” (PAZZOLA, 2002:20).

Independente das adversidades do momento, do papel que esteja sendo desempenhado, das atividades que estejam sendo feitas e dos recursos que a pessoa tenha, há um espaço dentro de si, onde ela tem a liberdade de ser o que realmente é, que lhe serve como uma fonte para recarregar suas energias e enfrentar a realidade, lhe permitindo condições de estabelecer suas visões de futuro, capazes de dar sentido aos momentos mais difíceis.

A busca pela espiritualidade, ou seja, pelo autoconhecimento e fortalecimento dos valores do ser humano, como base para o desenvolvimento de sua força interior, é capaz de habilitar o homem a superar as dificuldades que a vida apresenta. Essa força, definida como resiliência, não tem uma fórmula definida, uma receita, mas traz, em sua essência, a introspecção, a harmonia entre razão e emoção, a harmonia entre corpo e mente.

Não obstante, o conceito geral de educação em nossa cultura permanece associado a um privilégio da cognição e a uma ilusão de que a racionalidade esgota por si mesma todas as facetas do fenômeno humano. Essa forma de pensar e organizar os processos educacionais tem levado crianças, adolescentes e jovens a lidarem com a realidade também de forma descontextualizada, o que tem repercussões diretas na maneira como elas compreendem e lidam com as experiências de suas próprias vidas. Na perspectiva da resiliência, ao contrário, o objetivo da experiência formativa confunde-se com o objetivo das tradições espirituais:

despertar as potências do humano que habitam em cada um de nós, levando-nos a experienciar condições insuspeitadas de crescimento e realização.

Por essa razão, os defensores da chamada *educação holística ou integral* têm como objetivo comum a *re-configuração* do ser, ou seja, a formação do humano em sua inteireza. Lamentavelmente, na modernidade, o campo do ensino tem se apresentado, comumente, de forma fragmentada. A noção de integralidade, como paradigma emergente, apresenta-se como um novo referencial a partir do qual pode emergir um caminho de superação aos problemas da educação na contemporaneidade⁹. Não se trata exatamente de propor uma nova tendência educativa, e muito menos de um debate focado na transmissão de conhecimentos religiosos através da educação. A problemática central consiste na discussão dos modelos que tentam compreender a experiência humana de *ser-no-mundo*, questionando o reducionismo do método positivista de conhecimento, a crença no progresso material ilimitado fornecido pelo desenvolvimento indefinido da ciência e da tecnologia e o predomínio dos valores utilitaristas.

As chamadas “teorias espiritualistas” (BERTRAND, 2001) insistem na necessidade de ultrapassagem das separações entre o sujeito e o mundo. Esse interesse pelas pedagogias espirituais está associado com a difusão das tradições orientais em nossa própria cultura.

Propiciar vivências educativas ligadas à espiritualidade reveste-se numa valiosa oportunidade de resgatar a auto-estima de adolescentes que se deparam cronicamente com situações de sofrimento, de risco. A educação espiritual, portanto, manifesta uma ponte para a resiliência, des-velando sentidos outros para o existir humano, despertando o significado mais profundo da realidade. Esta costura das várias dimensões do humano ajuda a construir um *contexto positivo*, aonde brotará a integralidade do adolescente de risco na sua multidimensionalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, S. G. de. ; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- AZEVEDO, J. *Resiliência del adolescente e sus componentes emocionais durante su desenvolvimento*. Publicado no site: www.monografias.com. Lisboa, 2000.
- BLUM, R. W. *Risco e resiliência*. Sumário para desenvolvimento de um programa. In: *Adolescência Latinoamericana* 1414-7130/1-16-19, 1997.
- BERTRAND, Y. *Teorias contemporâneas de educação*. Porto: Instituto Piaget, 2001.

⁹ Neste contexto, as reflexões de Röhr (1999) apresentam contribuições fundamentais para pensar a formação do educador.

- BOWLBY, J. *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- COSTA, A. C. G. *Resiliência. Pedagogia da presença*. São Paulo: Modus Faciend, 1995.
- COOK, K.V. *You have somebody watchin your back, and if that's god, then that's mighty big: the church's role in the resilience of inner-city youth*. In: *Adolescence* v. 35, n. 140, p.717-730, 2000.
- CYRULNIK, B. *Os patinhos feios*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FERREIRA, A. L. *Do entre-deux de Merleau-Ponty à atenção/consciência do budismo e da abordagem transpessoal: a busca de uma pedagogia direcionada para integralidade da formação*. Tese em andamento (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife – PE, 2006.
- KAPLAN, M. et.al. *Religiosidad y conductas de riesgo em adolescentes escolares em Santiago de Chile*. Cuadernos Medicina Sociale, v.35, n.3, p. 45-49, 1994.
- MONTEIRO, D. S. dos A.; PEREIRA, L. F.; SARMENTO, M. R. MERCIER, T. M. de A. *Resiliência e pedagogia da presença: intervenção sócio-pedagógica no contexto escolar*. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia – Faculdade de Comunicação e Educação, das Faculdades Integradas São Pedro - Campus II. Vitória, junho, 2001.
- PAZZOLA, A. *A espiritualidade como base para a resiliência*. Monografia apresentada à Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP e Instituto LIBERTAS – Consultoria e Treinamento, Pós-graduação em Latu Senso em Dinâmica de Grupo, Recife- PE, 2002.
- RÖHR, F. *A multidimensionalidade na formação do educador*. In: *Revista da Educação. ACE*. Ano 28, n. 110, jan/mar., p.100-108, 1999.
- SAMEROFF, A.J. *Models of development and developmental risk*. In: ZEANAH JR., C.H. (Ed). *Handbook on infant mental health*. New York: Guilford Press, 1993. p. 315-323.
- SAMPAIO, S. *A psicopedagogia como promotora da resiliência*. Publicado em 13/09/2005 18:22:00
- SLUZKI, W. *Psicologia do adolescente. Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997. p. 41-42.
- VARELA, J.F.; THOMPSON, E. & ROSCH, E. (1991). *The embodied mind: cognitive science and human experience*. Massachusett: Massachusetts institute of Technology.

- VICENTE, C. M. *Resiliência*. Palestra proferida no Centro de Treinamento de Recursos Humanos de Ponte Formosa. Espírito Santo, 1996.
- VOLCAN, S. M. A.; SOUSA, P.L.R.; MARI, J.J.; HORTA, B.L. *Relações entre bem estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores: estudo transversal*. Revista de Saúde Pública, v. 37, n. 4, p. 440-445, 2003.